



**ALICE NO PAÍS DOS ANIMAIS:
UMA LEITURA DO ROMANCE DE LEWIS CARROL A PARTIR DE SÍMBOLOS
E ALEGORIAS**

O objetivo do presente artigo consiste em investigar e discutir sobre como os animais analisados no romance *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, são representados de acordo com a simbologia, além de fazer uma ligação com o contexto sócio, histórico, político e cultural no qual a obra foi escrita. Assim sendo, escolhemos a simbologia dos animais como base para o nosso trabalho, por acreditarmos que os animais são utilizados como instrumentos simbólicos na construção da dinâmica do enredo e dos principais acontecimentos dentro da narrativa. Como base teórica, apresentamos os fundamentos de ALVAREZ FERREIRA (2013); CHEVALIER & GHEERBRANT (2009); MOISÉS (2013); RIBEIRO (2010); e, ROSACRUZ (1992). Em conclusão, constatamos que os animais do País das Maravilhas são considerados “maravilhosos” por apresentarem atitudes que se assemelham a atitudes humanas, dotados de discurso, inteligência e sagacidade; tornando-os, nesse romance, um dos pontos mais interessantes da narrativa, além das demais personagens e da fantástica ambientação

Palavras-chave

País das Maravilhas; Animais; Simbologia; Símbolos; Alegorias

Josanille Glenda do Nascimento Ribeiro

glendanascimento2010@hotmail.com • <https://orcid.org/0000-0001-8189-4330>

Francisco Edinaldo de Pontes

edinaldopontesacademico@gmail.com • <https://orcid.org/0000-0001-5611-0629>



INTRODUÇÃO

Os símbolos estão presentes em todas as sociedades, pois o ato de representar uma ideia através deles existe desde as primeiras civilizações. Como sabemos, a função dos símbolos é representar uma ideia ou um conceito e para que seja compreendido em seu devido contexto, todos os que participam da comunicação precisam compartilhar desse mesmo conhecimento, do contrário o objetivo dessa simbolização não será alcançado. Para a simbologia, os símbolos funcionam como representação da realidade. Nesse sentido, entendemos que os símbolos além de representar a realidade se tornam parte dela. Como exemplo disso, podemos citar a cruz para o cristianismo, a flor de lótus para o budismo ou até mesmo a foice e o martelo para o socialismo.

Partindo desse pressuposto, a problemática da presente pesquisa apresenta-se no momento em que deixamos passar despercebido os símbolos e as alegorias existentes na narrativa. Dessa maneira, o objetivo do presente estudo consiste em investigar e discutir sobre como os animais analisados no romance *Alice no País das Maravilhas* (1865), do romancista Lewis Carroll¹, são representados de acordo com a simbologia. Além de fazer uma ligação com o contexto sócio, histórico, político e cultural que a obra foi escrita, uma vez que analisaremos apenas cinco animais dentre muitos outros presentes no romance. Salientando que, não são apenas os animais que representam um significado simbólico na narrativa, mas as demais personagens humanas, assim como, os objetos e o espaço onde a narrativa acontece.

Assim, decidimos discutir alguns significados relacionados a de cinco animais que são representados ao longo do romance e como estes, a partir da simbologia, podem nos permitir um olhar mais detalhado à obra. Dentre os mais diversos animais que povoam o País das Maravilhas, propomos a análise de cinco animais, que são: o coelho, a lagarta, a pomba, o gato e a tartaruga.

¹ **Nota biográfica sobre o romancista:** “Charles Lutwidge Dodgson (mais conhecido como Lewis Carroll), nasceu em 27 de janeiro de 1832, em Daresbury, Inglaterra e morreu em Guildford, Inglaterra, em 14 de janeiro de 1898. Filho de um pastor anglicano, Lewis Carroll tinha 10 irmãos e cresceu num ambiente onde aprendeu a contar histórias, cuidar e distrair crianças. Apaixonado por matemática e fotografia, foi nomeado professor de matemática em Oxford em 1861. Como fotógrafo amador, fotografava invariavelmente meninas entre 8 e 12 anos de idade. Tornou-se famoso por seus dois livros, *Alice no País das Maravilhas* e *Alice no País do Espelho*, que tiveram como inspiradora Alice Liddell, de apenas dez anos, por quem ele tinha uma paixão platônica. Carroll nunca assumiu sua paixão por meninas, que ficou registrada através de várias fotos de nu infantil feitas por ele” (BRITO, 2008, p. 49 e 50, grifos da autora).

De maneira metodológica, para elucidar os nossos objetivos, partiu-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, através da leitura do romance e do material teórico e crítico a respeito da temática que abordamos no presente estudo. A partir da leitura e interpretação da obra literária, buscou-se perceber a simbologia dos animais que contribuem para a criação de um contexto crítico com relação à sociedade da época em que o romance foi escrito.

Ademais, como base teórica, contamos com os fundamentos de Alvarez Ferreira (2013), em seu dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos, nos explicando o simbolismo na perspectiva literária; Chevalier & Gheerbrant (2009) em seu dicionário de símbolos, onde eles abordam como são construídos alguns arquétipos do mundo simbólico; Moisés (2013), que nos revela termos literários para a compreensão do discurso literário; Ribeiro (2010), uma vez que ele nos elucidar a respeito de símbolos e alegorias na perspectiva da semiótica de Peirce; e, Rosacruz (1992), nos trazendo uma discussão sobre o que é simbologia e o seu objeto de estudo, além de sua explicação acerca da definição, composição, classificação e finalidades dos símbolos.

O *corpus* dessa pesquisa é composto pelo livro *Alice no País das Maravilhas* (2002 [1865])², de Lewis Carroll, onde direcionamos o nosso trabalho para a simbologia dos animais. Nesse romance, a grande maioria das personagens são animais, no entanto, *Alice no País das Maravilhas* está longe de ser apenas um livro infantil ou mesmo uma fábula. A simbologia presente nos animais, que aparecem no decorrer da história, evidencia uma maneira de criticar a Inglaterra Vitoriana³. Nesse sentido, através dos diálogos entre Alice e os animais, muitas questões históricas, políticas e socioculturais

² Para mais informações: Cf. CARROLL, Lewis (1832-1898). **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho (1865)**. / Lewis Carroll. Edição Comentada e Ilustrada. Introdução e notas de Martin Gardner. Trad. de Maria Luíza X. e de A. Borges. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.

³ **Era Vitoriana:** “Muitos de nós associamos o termo a uma época de moralismo rígido, em que o sexo era tabu e o convencionalismo estava na moda. O próprio mestre Aurélio registra, em seu dicionário, esse sentido – “*Vitoriano*: adj. 1. Pertencente ao relativo Rainha Vitória, da Inglaterra, ou ao período de seu reinado (1837-1901). 2. *Que demonstra a respeitabilidade, o puritanismo, a intolerância, etc., atribuídos geralmente à classe média da Inglaterra vitoriana*”. Se o tempo perpetuou essa imagem da época, deve haver razões para tal. Sem dúvida foi um tempo de reação à efervescência que marcará o final do Século XVIII, com a Revolução Francesa dando origem à era contemporânea. Com a ascensão de Vitória ao trono, abre-se para os ingleses mais um período de prosperidade e relativa paz. Afastados os temores de uma revolução social à francesa, o país se prepara para a Segunda Revolução Industrial, que consolidará a posição da Inglaterra como país imperialista e centro econômico do mundo” (CEVASCO & SIQUEIRA, 1999, p. 53, grifos das autoras).

são colocadas em discussão ainda que encobertas pelo tom mágico que envolve essas personagens.

Alice no País das Maravilhas (1865) é um clássico da Literatura Inglesa que nos conta a história de uma garota entediada com a sua vida e que de repente vê um coelho branco de olhos cor-de-rosa, colete e relógio correndo na sua frente. Ela o segue, e logo em seguida cai em um buraco que a leva a um mundo diferente. No livro que a irmã lia para ela não tinha figuras e nem diálogos, por isso é monótono e convencional assim como a vida em sociedade. Por outro lado, o coelho, por ser diferente dos demais coelhos desperta a sua curiosidade. Fato esse que a coloca diante de um mundo imaginário onde coisas peculiares acontecerão.

1. UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE SIMBOLOGIA, SÍMBOLO E ALEGORIA

É fato que o ser humano é constituído por uma capacidade natural complexa, ao contrário dos animais que, na maioria das vezes, agem através de reflexos e instintos ou mesmo de uma capacidade elementar de raciocínio. Uma vez com tal capacidade, nós seres humanos somos dotados de consciência e razão as quais nos ajudam a tomar decisões que podem ou não mudar as nossas vidas significativamente, ao contrário dos animais considerados irracionais, pois “uma das coisas que distinguem o homem dos animais é a capacidade humana de simbolizar. Memória, imaginação e impressões psíquicas empregam a função mental simbolizadora” (ROSACRUZ, 1992, p. 09). Assim, desde que nascemos estamos rodeados por representações simbólicas⁴ sobre as quais vamos descobrindo no decorrer do tempo, através da aquisição e da apropriação do sentido das coisas e da construção de significações a respeito dessas.

A exemplo disso, observamos que há representações simbólicas em todas as culturas, desde as mais antigas civilizações aos dias atuais; do mais simples ato de cumprimentar alguém às mais variadas línguas no mundo inteiro; em diversas áreas do conhecimento, das Ciências Sociais à Ciências Exatas; e, em diversas representações das artes, como a música e as pinturas mais famosas.

⁴ **Simbólica:** “1. Conjunto de símbolos de uma religião, uma época, um povo, etc. 2. Ciência que trata dos símbolos” (Cf. HOUAISS & VILLAR, 2011, p. 862).

Em consequência desse fato, para podermos entender as mais diversas representações simbólicas, recorreremos à Simbologia, pois é através dela que conseguimos definir as especificidades do mundo simbólico⁵ onde vivemos. No entanto, para Houaiss e Villar (2011), a Simbologia é “1. A arte de criar símbolos; 2. O estudo ou interpretação dos símbolos; 3. Sistema de símbolos” (Cf. HOUAISS & VILLAR, 2011, p. 862). Ademais, o Editorial Conceitos (2016) também nos diz que:

Denomina-se simbologia ao conjunto de elementos que servem para representar outros. Esta **expressão** é típica de certas expressões artísticas, por onde o autor tenta explicar uma situação através da evocação de um determinado elemento. Assim, por exemplo, estes processos podem ser observados tanto na pintura como na **literatura**. Para compreender realmente uma simbologia é necessário entender um símbolo (Cf. EDITORIAL CONCEITOS, 2016, grifos do autor)⁶.

Diante do exposto, vemos que é através da simbologia que conseguimos identificar as diversas formas de simbolização e representação de um elemento por outro, nos auxiliando a compreender como funciona os sistemas simbólicos que permeiam o nosso cotidiano, reafirmando a nossa imensa capacidade de significar ou representar um elemento arbitrário e/ou convencional. Faz-se necessário, no entanto, ressaltar que a simbologia não é somente a ciência que estuda os símbolos⁷, mas também o seu funcionamento e importância para os mais diversos âmbitos sociais e as suas especificidades.

Ou seja, ao mesmo tempo que ela é geral, – por ser responsável por estudar os elementos simbólicos existentes – ela também configura-se como específica, quando direcionada para o seu objeto de estudo, como por exemplo: a simbologia românica, a simbologia religiosa, a simbologia pagã, a simbologia maçônica, a simbologia satânica, a simbologia esotérica, a simbologia de um país, a simbologia eletrônica, dentre outros tipos de simbologias. Visto que, para que haja a compreensão de qualquer tipo de

⁵ **Simbólico:** “1. De, relativo a, que tem caráter de ou que serve como símbolo. 2. Que usa, emprega ou exibe um símbolo. 3. Que consiste em ou que opera por meio de símbolos; metafórico, alegórico; que explica por meio de um signo, símbolo” (Cf. HOUAISS & VILLAR, 2011, p. 862).

⁶ Para mais informações: Cf. EDITORIAL CONCEITOS. Simbologia – Conceito, o que é, Significado. In: **Editorial Conceitos**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://conceitos.com/simbologia/>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020. Às 21h e 36min.

⁷ **Símbolo:** “1. O que, por analogia ou convenção, representa, sugere, ou substitui outra coisa. 2. Ser, objeto ou imagem a que se atribui certo significado; emblema. 3. Sinal gráfico, arbitrário e convencional, usado para representar operações, quantidades, elementos, etc.; sinal, marca distintiva, insígnia” (Cf. HOUAISS & VILLAR, 2011, p. 862).

simbologia, é preciso nos atentarmos à interpretação e à compreensão dos símbolos, situando-os no contexto e dependendo da cultura na qual se inserem.

Portanto, segundo a obra *Introdução à Simbologia* (1992)⁸, da Ordem Rosacruz, “simbolizar é um processo automático e muitas vezes inconsciente, que é primariamente subconsciente. A verdadeira simbolização é uma função subconsciente, e não objetiva” (ROSACRUZ, 1992, p. 10). A partir desse pressuposto, explicamos como acontece a nossa capacidade humana de simbolizar e de dar continuidade a associação de simbolismos⁹ existentes, tendo em vista que esse último conceito “consiste na expressão ou interpretação por meio de símbolos” (Cf. HOUAISS & VILLAR, 2011, p. 862).

Destarte, a discussão sobre o símbolo é bastante ampla e complexa e de modo algum, nesse trabalho, temos a pretensão de simplificá-la. Entretanto, a partir da nossa leitura, entendemos o símbolo como a representação do abstrato através de algo convencionalizado. Nesse sentido, estamos rodeados por símbolos diversos, desde as mais remotas culturas até as mais modernas utilizam-se do símbolo no seu cotidiano, seja referente a um simples aperto de mãos, seja interligado às crenças religiosas ou consciência política. Desse modo, o símbolo, além de ser uma das maneiras mais antigas que o ser humano utiliza para facilitar a comunicação, é um elemento que se tornou parte constitutiva da construção literária.

De fato, o entendimento de um símbolo envolve, muitas vezes, o contexto e a vida em sociedade, assim, ele pode passar por alterações através da influência de outros símbolos passando a construir ressignificações. De acordo com Ribeiro (2010), ele afirma que “é certo que, ao explicarmos o simbólico, sempre resta algo intraduzível. Isso ocorre porque, como já mencionado anteriormente, o símbolo aponta para algo que está ausente, representando-o, mas sem apreender todas as suas possibilidades” (RIBEIRO, 2010, p. 47). Nesse ponto de vista, por mais que façamos uma leitura sobre determinado símbolo pode ser que sempre falte algo que o exponha na sua totalidade, o que não

⁸ Para mais informações: Cf. ROSACRUZ, Ordem (1982). **Introdução à Simbologia**. / Ordem Rosacruz – AMORC, Ano MCMLXXXII. Biblioteca AMORC. 1.ª Edição em Língua Portuguesa. – Grande Loja do Brasil: Paraná, 1992.

⁹ **Simbolismo**: “O simbolismo não é fixo, único e objetivo, nem para a psicanálise, nem para a literatura. Cada indivíduo cria e recria um simbolismo de acordo com as ‘forças simbolizantes que preexistem no inconsciente’ ou de acordo com as suas ‘tendências particulares’. Assim, não poderá existir, nem na psicanálise, nem na literatura, um simbolismo determinado, pois as fontes são infindas. Na literatura, a imaginação cria a realidade multiplicando as imagens e os símbolos com a ‘atividade polissimbólica’, propiciada pelo devaneio poético” (ALVAREZ FERREIRA, 2013, p. 181).

significa dizer que o simbólico como um todo possui uma parte indecifrável, porém, pelo fato de que o símbolo é algo que está representando, muitas vezes, abre possibilidades para interpretarmos o não “mostrado” (Cf. RIBEIRO, 2010, p. 47).

Sobre a alegoria, entendemos que consiste em discutir ou explicar algum fato utilizando-se de recursos que vão além do sentido literal. Segundo Chevalier & Gheerbrant (2009), “a alegoria é uma figuração que toma com maior frequência a forma humana, mas que por vezes toma a forma de um animal ou de um vegetal ou, ainda, a de um feito heroico, a de uma determinada situação, a de uma virtude ou a de um ser abstrato” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. XVI). Nesse sentido, a alegoria evidencia-se em uma instância figurativa que pode tomar as mais variadas formas para representar uma determinada situação, exemplo disso, é a “Alegoria da Caverna de Platão”, que nos mostra a importância do conhecimento utilizando-se para isso o uso da luz, das sombras e da escuridão.

Assim sendo, destacamos a importância dos conceitos citados para a análise da simbologia de alguns animais presentes no romance *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, ressaltando, na nossa opinião, que alguns desses símbolos representam, dentre outros fatos, as relações conflituosas entre nações no passado. No que diz respeito a alegoria, acreditamos que o livro todo seja uma alegoria para a sociedade retratada na obra, e que, infelizmente, ainda hoje valoriza muito mais as aparências e a competitividade do que as atitudes mais humanas (Cf. CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. XVI).

2. A SIMBOLOGIA DO COELHO E DA LAGARTA NA CONCEPÇÃO DE CHEVALIER & GHEERBRANT (2009)

O País das Maravilhas apresenta-se como uma fuga da realidade. Nesse novo mundo tudo pode acontecer, inclusive a própria Alice durante toda a narrativa reflete sobre a sua condição de mudanças constantes quando diz que pela manhã estava tudo normal e agora já não sabe o porquê de muitas coisas como, por exemplo, o fato de ter encolhido e esticado ou mesmo o fato de estar conversando com os animais.

A narrativa de Lewis Carroll (1832-1898) nos mostra diversos aspectos que evidenciam ainda mais essa dualidade entre mundo real (sociedade) e mundo imaginário

(liberdade). Primeiramente temos Alice, personagem principal, que além de ser criança é mulher. Em uma sociedade como a da Era Vitoriana, as meninas eram desde cedo preparadas para o matrimônio, uma vez que as únicas habilidades que deveriam ter estavam relacionadas a cuidar do futuro esposo, da casa e dos filhos, ou seja, a mulher não podia ser curiosa nem tampouco precisava de respostas, mas Alice foge a essa regra quando vai atrás do coelho.

No presente romance, fantasia e realidade se misturam formando um todo repleto de símbolos. Desse modo, o que nos interessa é essa relação de sentido entre uma coisa e outra coisa que a representa, pois, a arte não é explícita e as grandes obras literárias utilizam muito de simbologia na sua composição. Um exemplo dessa simbologia acontece em relação aos animais, temos: o coelho, a lagarta, a pomba, o gato, a tartaruga, entre outros.

O coelho sempre é um animal conhecido pela sua agilidade e pela sua interligação com a fertilidade e a capacidade reprodutiva. Nesse romance, ele é o animal mais importante porque é ele quem atrai Alice para o País das Maravilhas. Ao ver o coelho, há um estranhamento com relação à sua aparência, primeiro porque não existem coelhos com olhos cor-de-rosa, segundo, porque normalmente os animais não se vestem e esse tinha colete e relógio. E de fato, ele olhava o relógio e corria como se tivesse algum compromisso com hora marcada, sempre apressado:

Alice se levantou num pulo, porque constatou subitamente que nunca tinha visto antes um coelho com bolso e de colete, nem com relógio para tirar de lá, e, ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda pressa numa grande toca de coelho debaixo da cerca (CARROLL, 2002, p. 29).

Mais adiante, vemos que o coelho surge para Alice de uma forma não habitual novamente, pois, assim como da primeira vez que a protagonista o vê, ele está bem vestido, elegante e com muita pressa, como se alguém estivesse esperando-o. Dessa maneira, tanto a personagem feminina quanto o leitor percebem a sagacidade, agilidade e esperteza do animal pelo fato do seu comportamento não ser habitual para um simples coelho, visto que ele não é um coelho qualquer. Uma vez que ele se apresenta nesse momento da narrativa correndo com luvas brancas de pelica em uma mão e um leque na outra, se reclamando pelo atraso e com receio de *its Lady* (sua Senhora), a *Duchess* (uma Duquesa), se zangar por sua demora ao atendê-la (Cf. CARROL, 2002, p. 36).

Ademais, esse animal reaparece na história com mais dois objetos, as “luvas brancas de pelica e o leque” (Cf. CARROL, 2002, p. 36). Notadamente, objetos pertencentes a alguém da nobreza, nesse caso, à Duquesa. O Coelho aparece nesse trecho como um serviçal e provavelmente está apressado o tempo todo para poder dar conta dos pedidos dos seus senhores, representando assim os criados da parte interna do palácio.

De acordo com o *Dicionário de Símbolos* (2009)¹⁰, de Chevalier e Gheerbrant, o coelho está ligado a renovação. Vejamos a seguir a simbologia do coelho: “Com ela, lebres e coelhos estão ligados a velha divindade Terra-Mãe, ao simbolismo das águas fecundantes e regeneradoras, ao da vegetação, ao da renovação perpétua da vida sob todas as suas formas” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 549).

Na citação acima, podemos perceber que o coelho em *Alice no País das Maravilhas* (1865), aparece no momento em que a menina está aborrecida em uma ribanceira. Os elementos da natureza, terra e água aparecem como pano de fundo para a cena inicial, onde justamente o coelho passa e Alice o segue. Além disso, por ser um animal que representa renovação, o coelho aparece na vida de Alice exatamente quando uma mudança está para acontecer, que é a passagem do mundo real para o mundo imaginário. O mundo de Alice se renova, passa da monotonia para um mundo de aventuras, da leitura de um livro sem gravuras e diálogos ao mundo mágico onde os seus principais diálogos acontecem com os animais.

Além da ideia de renovação, o fato de o coelho saltar de um lado para o outro adquire significados positivos e negativos, pois há uma ambiguidade sobre a sua aceção, representatividade e simbologia relacionada aos anos-coelho no calendário, que consistem em bons ou ruins (Cf. CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 542). Os anos-coelho, nesse contexto, diferentemente dos outros anos que trazem sorte ou azar podem apresentar os dois extremos, o saltar do coelho o transforma em um animal que está propício a mudanças, à renovação.

Outro animal que merece destaque é a lagarta. O diálogo entre Alice e a lagarta acontece durante todo o “Capítulo 5”. A lagarta é bem despreocupada, no início, ela

¹⁰ Para mais informações: Cf. CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. / Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com colaboração de: André Barbault, [et al.]. – 23ª ed. – Rio de Janeiro: Editora José Olympio Ltda, 2009.

parece que vive em um mundo à parte fumando o seu narguilé¹¹, e pronto. Durante a conversa com Alice, descobrimos algumas coisas sobre esse inseto. Ela é consciente das transformações que acontecerão em sua vida, primeiro como crisálida, depois como borboleta, no entanto, ela não se importa e prefere esperar as coisas acontecerem. Apesar da aparente falta de interesse na conversa com Alice, a lagarta oferece o cogumelo que a leva ao seu objetivo que era o de voltar ao tamanho normal: “‘Bem, talvez ainda não tenha descoberto isso’, disse Alice; ‘mas quando tiver de virar uma crisálida... vai acontecer um dia, sabe... e mais tarde uma borboleta, diria que vai achar isso um pouco esquisito, não vai?’” (CARROLL, 2002, p. 64).

Ainda sobre a conversa de Alice com a lagarta:

Ficou bastante assustada com essa mudança súbita, mas lhe parecia que não havia tempo a perder, pois estava encolhendo rapidamente; assim, tratou logo de comer um pouco do outro pedaço. Seu queixo estava tão comprimido contra seu pé que mal tinha como abrir a boca; mas finalmente a abriu, conseguindo engolir um tico do pedaço da mão esquerda (CARROLL, 2002, p. 68).

Nas citações acima, percebemos na fala de Alice que as transformações pela qual ela tem passado causa estranheza, por isso a sua surpresa pela reação de calma que a lagarta demonstra em relação às futuras transformações que acontecerá a ela. A lagarta aponta uma solução à Alice e esse fato é bastante representativo, pois Alice não esperava nada da lagarta, uma vez que esta última lhe parecia bem dispersa.

Para a simbologia, há certos preconceitos com relação à representação da lagarta, vejamos como isso acontece: “A lagarta tem contra ela o duplo preconceito desfavorável ligado a larva que, primitivamente, é um gênio malfazejo, e ao animal rastejante em geral. Em linguagem figurada, é a imagem da tendência a um mal aviltante, como também a da feiura” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 532).

De acordo com as concepções acima, a lagarta não é muito bem vista pela ideia de ser um inseto rastejante assim como serpentes e cobras. O fato de rastejar traz consigo a noção de inferioridade e de maldição. Por outro lado, esse animal é símbolo da transmigração, ou seja, ela começa rastejando e depois passa a voar. Ela vai em pouco tempo do chão aos céus: “No entanto, a Bhradarahyaka Upanishad fez desse animal o símbolo da *transmigração*, em função da maneira pela qual ele passa de uma folha a

¹¹ **Narguilé ou Narguilhé:** “Cachimbo turco, índio ou persa, composto de um forninho e um tubo longo usado para fumar em que a fumaça do tabaco, queimando em um pequeno vaso, passa por um recipiente com água perfumada antes de chegar à boca” (Cf. HOUAISS & VILLAR, 2011, p. 659).

outra, e do estado de larva aos de crisálida e borboleta, assim como a vida passa de uma manifestação corporal a outra” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 532, grifo dos autores).

Desse modo, passar de uma folha a outra remete diretamente às transformações que a lagarta passa, assim como também as mudanças corporais dos seres humanos em todas as suas fases desde o nascimento, passando pela infância, adolescência, idade adulta e velhice. Transformações essas que não são apenas corporais, mas que dizem respeito ao crescimento de tornar-se, e de começar a ser o que não era antes.

3. A SIMBOLOGIA DA POMBA, DO GATO DE CHESHIRE E DA TARTARUGA FALSA, NA PERSPECTIVA DE CHEVALIER & GHEERBRANT (2009) E MOISÉS (2013)

No decorrer da narrativa, vemos que Alice encontra vários animais curiosos aos seus olhos, pois os mesmos falam, são inteligentes e se comportam como seres humanos. Esse fato chama muito a atenção de Alice, pois ela está habituada a viver em uma sociedade onde coisas fantásticas não acontecem (realidade) e não em meio à uma sociedade repleta de fantasia, em um mundo onde as coisas fora da realidade ocorrem (imaginário).

Após comer pedacinhos de um cogumelo – maneira pela qual a lagarta assegurou Alice que ela voltaria ao seu tamanho normal – depois de tanto aumentar e diminuir a sua altura devido os pedaços alternados de cogumelo que ela comia, o seu pescoço cresceu tanto em meio as árvores que Alice ficou parecendo uma cobra. Foi nesse momento que a pomba branca fez diversas reclamações à pequena Alice:

‘Cobra!’ arrulhou a Pomba. – ‘Não sou uma cobra!’, disse Alice, indignada. ‘Deixe-me em paz!’ ‘Cobra, eu insisto!’, repetiu a Pomba, mas num tom mais comedido, e acrescentou com uma espécie de solução: ‘Já tentei de todas as maneiras, e nada parece contentá-las!’ ‘Não faço ideia do que está falando’, disse Alice. ‘Tentei as raízes das árvores, tentei as ribanceiras e tentei cercas-vivas’, continuou a Pomba, sem lhe prestar atenção; ‘mas essas cobras! Não há como agradá-las!’ (CARROLL, 2002, p. 69).

Como podemos observar, a pomba insiste que Alice é uma cobra por seu pescoço grande, flexível e por estar olhando por entre as árvores, – momento quando Alice tenta entender o que aconteceu consigo mesma – o que dá a entender à pomba que a menina está à procura de algo, ou seja, em busca de seus ovos. Durante todo o diálogo entre

Alice e a pomba, vemos que essa última está defendendo o seu ninho e relata que por diversas noites não dorme, pois está fazendo o papel de sentinela para que as cobras não comam os seus ovos. Ademais, ao observarmos melhor os vocábulos “Cobra” e “Pomba” no romance, eles estão sempre sendo representados em letras maiúsculas durante toda a narrativa, consistindo no que chamamos de personificação¹². De fato, os personagens que consistem em animais no País das Maravilhas são personificados ao longo da narrativa, pois o ato de personificar¹³ de Lewis Carroll faz com que a sua obra omita diversos elementos críticos ao contexto sócio, histórico, político e cultural da Era Vitoriana.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009), a pomba carrega diversas acepções a respeito do seu simbolismo na Literatura, e um dos significados mais perceptíveis aos olhos dos literatas é a acepção religiosa:

Ao longo de toda a simbologia judaico-cristã, a pomba – que, com o Novo Testamento, acabará por representar o Espírito Santo – é, fundamentalmente, um símbolo de *pureza*, de *simplicidade*, e, também quando trás o ramo de oliveira para Noé, na arca, harmonia, esperança, felicidade recuperada (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 728, grifos dos autores).

Identificamos, portanto, no discurso da pomba que ela representa uma figura materna muito forte, pois o tempo todo ela está protegendo o seu ninho, onde estão seus ovos com seus futuros filhotes. Além do seu instinto protetor, é visível na fala da pomba que ela tem um discurso que tenta persuadir Alice a confessar que é uma cobra e que está realmente atrás de seus ovos.

¹² **Personificação:** “Figura de Linguagem. Ação ou efeito de personificar. Pessoa que interpreta ou representa de modo perfeito uma ideia ou alguma coisa de teor abstrato. [Retórica] Designação atribuída aos seres inanimados, abstratos, de ações, qualidades e sentimentos próprios do homem; animismo, prosopopeia. [Psicologia] Capacidade psicológica que estabelece, através de analogia, relação entre uma palavra abstrata e várias imagens reais” (Cf. NEVES & RIBEIRO, DICIO, 2019). Para mais informações: Cf. NEVES, Flávia. RIBEIRO, Débora. Significado de “Personificação”. In: **DICIO:** Dicionário Online de Português s. / Flávia Neves e Débora Ribeiro. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/personificacao/>. Acesso em: 29 de fevereiro de 2020. Às 20h e 30min.

¹³ **Personificar:** “Personalizar; conferir aspecto, qualidades, características de pessoa a (animais, deuses, etc.); fazer com que fique igual a uma pessoa: algumas religiões personificaram os deuses. Tornar-se o padrão ou o modelo de: o capitalismo personifica a busca pelo lucro. Fazer uma representação simbólica de: a pintura personificava o sofrimento do pintor. Fazer com que algo ou alguém se torne vivo, real, concreto: o autor personificou a tragédia; o diretor personificou no ator a expressão da mágoa” (Cf. NEVES & RIBEIRO, DICIO, 2019). Para mais informações: Cf. NEVES, Flávia. RIBEIRO, Débora. Significado de “Personificar”. In: **DICIO:** Dicionário Online de Português. / Flávia Neves e Débora Ribeiro. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/personificar/>. Acesso em: 29 de fevereiro de 2020. Às 20h e 50min.

No que concerne ao simbolismo da pomba, com a comparação que esta faz de Alice à uma cobra e ao observarmos melhor o ambiente onde a cena acontece (em uma floresta), percebemos que há uma referência bíblica – a serpente, o fruto proibido no Jardim do Éden, a tentação de Eva e a queda do homem do paraíso – presente na obra literária. Dessa maneira, no livro de Gênesis (Cf. CNBB, 2006)¹⁴, temos a seguinte passagem:

¹A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. Ela disse à mulher: ‘É verdade que Deus vos disse: ‘Não comais de nenhuma das árvores do jardim?’ ²A mulher respondeu à serpente: ‘Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. ³Mas do fruto da árvore que está no meu do jardim, Deus nos disse: ‘Não comais dele nem sequer o toqueis, do contrário morrereis’. Pelo contrário, Deus sabe que, no dia em que comerdes da árvore, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus conhecedores do bem e do mal’. ⁶A mulher viu que seria bom comer da árvore, pois era atraente para os olhos e desejável para obter conhecimento, colheu o fruto, comeu dele e o deu ao marido a seu lado, que também comeu. ⁷Então os olhos de ambos se abriram, e, como reparassem que estavam nus, teceram para si tangas com folhas de figueira [...] (Cf. GÊNESIS, c. 3, v. 1 a 7; CNBB, 2006, p. 17).

Sendo assim, a pomba é uma alegoria à paz (à divindade – ao Espírito Santo, à Santíssima Trindade que está sempre protegendo suas criaturas)¹⁵. Os ovos com os filhotes representam o fruto proibido que Deus ordenou, segunda a Bíblia Sagrada, que Adão e Eva não o comece, e também simboliza o Renascimento. Já a cobra, simboliza a tentação ao pecado – a própria serpente que aparece para Eva no Jardim do Éden. E a floresta faz referência ao próprio Jardim do Éden, onde toda a cena acontece.

Ao analisarmos bem a narrativa, percebemos que a referência bíblica que Lewis Carroll (1832-1898) faz em sua obra não é por acaso, visto que, este tinha um conhecimento vasto sobre a Sagrada Escritura Cristã (a Bíblia Sagrada):

Pois ele ordenado diácono (pelo bispo Wilberforce), raramente pregava em função de sua deficiência de fala e nunca foi ordenado pastor. Não há

¹⁴ Para mais informações: Cf. CNBB. **Bíblia Sagrada**. / Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Tradução da CNBB. Com Introduções e Notas. – 6.ª Edição. São Paulo: Canção Nova, 2006.

¹⁵ **Alegoria da pomba ao Espírito Santo:** “¹⁶Depois de ser batizado, Jesus saiu logo da água, e o céu se abriu. E ele viu o Espírito de Deus descer, como uma pomba, e vir sobre ele” (Cf. MATHEUS, c. 3, v. 16, p. 1204); “¹⁰Logo que saiu da água, viu o céu rasgar-se e o Espírito, como pomba, descer sobre ele” (Cf. MARCOS, c. 1, v. 10, p. 1242); “²¹Enquanto todo o povo era batizado e Jesus, batizado, estava em oração, o céu se abriu ²²e o Espírito Santo desceu sobre ele, em forma de corpórea, como uma pomba e do céu veio uma voz: ‘Tu és o meu filho amado; em ti está o meu agrado’” (Cf. LUCAS, c. 3, v. 21 e 22, p. 1273); “³²João ainda testemunhou: ‘Eu vi o Espírito descer do céu, como pomba, e permanecer sobre ele’” (Cf. JOÃO, c. 1, v. 32, p. 1311); (Cf. CNBB, 2006).

dúvida sobre a profundidade e a sinceridade de suas ideias anglicanas. Era ortodoxo sob todos os aspectos, salvo por sua incapacidade de acreditar na danação eterna (GARDNER, 2002, p. 08 e 09)¹⁶.

Portanto, em meio a discussão das duas, Alice tenta explicar que não era uma cobra, e sim uma menina. A pomba tenta convencê-la de que é uma cobra e que nunca viu meninas terem um pescoço tão grande quanto o dela, quando diz:

‘Eu... eu sou uma menininha’, respondeu Alice, bastante insegura, lembrando-se do número de mudanças que sofrera aquele dia. ‘Realmente uma história muito plausível!’, disse a Pomba num tom do mais profundo desprezo. ‘Vi muitas menininhas no meu tempo, mas nunca uma com um pescoço desse! Não, não! Você é uma cobra; e não adianta negar’ (CARROLL, 2002, p. 69).

Vemos então, que a pomba é um personagem de personalidade forte e que sempre está disposta a discutir sobre algo, ao mesmo tempo, não aceitando quando está errada ou enganada sobre algum fato. No que diz respeito à atitude desse pássaro, identificamos que no diálogo citado anteriormente, a pomba simboliza um “sentimento de arrogância”, característica que não condiz com a representatividade dessa ave, quando Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009) afirmam que:

Todo o simbolismo da pomba provém, evidentemente, da beleza e da graça desse pássaro, de alvura imaculada, e da doçura do seu arrulho. O que explica que, tanto na língua mais trivial quanto na mais fina, da *gíria* parisiense ao *Cântico dos Cânticos*, o termo ‘pomba’ figura entre as metáforas mais universais que celebram a mulher (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 728, grifos dos autores).

Além da pomba representar uma imagem maternal e protetora no decorrer da narrativa, percebemos também que a mesma por ser um símbolo de paz, representa uma figura de “esperança” na jornada de Alice. Esperança de encontrar o caminho de casa, pois está cansada de tanto aumentar e diminuir a sua altura, sem falar em diversas coisas estranhas que ela já se deparou no País das Maravilhas.

Mas, um dos animais que mais chamam a atenção de Alice e a deixa bastante curiosa no decorrer de sua jornada é o Gato de Cheshire. Enquanto conversa com a

¹⁶ Introdução e Notas de Martin Gardner, para a Edição Definitiva, Comentada e Ilustrada de *Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*, de Lewis Carroll, da Editora Zahar. Para mais informações: Cf. CARROLL, Lewis (1832-1898). **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho (1865)**. / Lewis Carroll. Edição Comentada e Ilustrada. Introdução e notas de Martin Gardner. Trad. de Maria Luíza X. e de A. Borges. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.

Duquesa em sua cozinha, Alice sente-se atraída pela imagem do gato da nobre *Lady* (Senhora), cujo aspecto mais chamativo na aparência dele é o seu “sorriso”. A menina fica surpresa porque ela nunca tinha visto um gato sorrindo, questionando, assim, a Duquesa o porquê de o seu bichano estar com aquela expressão:

‘Por favor, poderia me dizer’, perguntou Alice um pouco tímida, pois não sabia se era de bom tom falar em primeiro lugar, ‘por que seu gato tanto sorri?’ [...]. ‘É um gato de Cheshire’, disse a Duquesa [...]. ‘Não sabia que os gatos de Cheshire sempre sorriem; na verdade, não sabia que gatos podiam sorrir.’ ‘Todos podem’, disse a Duquesa, ‘e a maioria o faz.’ ‘Não conheço nenhum que sorria’, declarou Alice, com muita polidez, sentindo-se muito contente por ter entabulado uma conversa. ‘Você não sabe grande coisa’, observou a Duquesa; ‘e isto é um fato’ (CARROL, 2002, p. 73 e 74, grifos do autor).

Como podemos ver, a Duquesa ignora o fato de Alice não saber que todos os gatos sorriem, – de fato que no mundo real esse animal não pratica tal ação – enquanto no País das Maravilhas, tanto o gato sorri, como fala e faz diversas outras coisas extraordinárias, tais como: a habilidade de aparecer e desaparecer quando quiser; sua formidável hospitalidade; sua perceptível inteligência; e, o seu discurso persuasivo e encantador, no qual influencia seus visitantes a fazerem o que ele propõe.

A partir da afirmação de que o Gato de Cheshire possui todas as habilidades citadas anteriormente, – dentre elas o poder de persuasão, sarcasmo e ironia – caso a ser estudado e refletido em torno do simbolismo que o animal representa, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009), em seu *Dicionário de Símbolos*, afirmam que “O simbolismo do gato é muito heterogêneo, pois oscila entre as tendências benéficas e maléficas, o que se pode explicar pela atitude a um só tempo terna e dissimulada do animal” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 461).

De fato, no decorrer da narrativa, percebemos que o Gato de Cheshire aparenta ter um comportamento místico por suas habilidades mágicas e um alto poder persuasivo em seu discurso, além de sua voz maliciosa. Dessa forma, ao refletirmos sobre o nome do gato, ou como o chamam, também conhecido como o Gato Sorridente, não é por acaso que ele recebe esse nome, pois Lewis Carroll (1832-1898) viveu no condado de Cheshire, Inglaterra. Portanto, “segundo Leyser (2009), o sorriso do gato e seu nome,

também conhecido como Gato de Cheshire¹⁷, são devido à expressão inglesa: sorrir como um gato de Cheshire” (SEQUEIRA & TEIXEIRA, 2015, p. 125); expressão atribuída à uma pessoa que vive sorrindo ou ri muito. Diante disso, vemos que, Carroll juntou o útil ao agradável, pois, ao dar nome ao seu gato, o escritor também atribuiu ao animal uma característica de pessoas de uma determinada região da Inglaterra, demarcando um resquício sócio, histórico e cultural em sua obra.

No entanto, vemos que sua narrativa não contém apenas características representativas do contexto Inglês da época, mas que também contém elementos ligados a si mesmo e à Era Vitoriana. Pois, por ser considerada uma época em que o puritanismo, a cortesia, o comedimento e o decoro das pessoas eram levados em consideração para o julgamento do seu caráter; o riso, portanto, se torna um artifício do qual está associado tudo o que é vergonhoso, indelicado, incivilizado, grosseiro, descortês, indecoroso e mundano. Com isso, vemos que o romancista faz “uma crítica à condição do indivíduo de sua época, sufocado por inúmeras exigências e regras sociais. Carroll mostra, por meio da fuga da realidade para um mundo mágico, uma maneira de escapar, ainda que por meio da fantasia, da fixidez vitoriana e de sua moral rígida” (BRITO, 2015, p. 02). Desse modo, a partir de nossas interpretações, nos fica explícito que Lewis Carroll personifica o Gato Cheshire com o riso como uma forma de lançar uma crítica ao contexto sócio, histórico, político e cultural no qual ele estava inserido.

Assim sendo, durante a caminhada de Alice, o Gato de Cheshire também exerce o papel de bússola à menina, indicando-a a direção para onde ela prefere seguir e dizendo quais pessoas residem em tais lugares. Além de suas habilidades místicas, percebemos que o animal apresenta um pouco de sarcasmo em seu discurso, assim como o seu senso de humor sagaz e a habilidade de desdenhar das coisas e das pessoas que o cercam. Com todo esse comportamento do gato, temos a impressão de que ele sempre está tirando sarro da situação a qual ele está presenciando, deixando algumas pessoas irritadas com o seu discurso e sua postura.

¹⁷ **Cheshire:** “Cheshire é provavelmente da raça British Shorthair. Cheshire é um condado da Inglaterra. Cheshire também é uma expressão inglesa para uma pessoa que vive sorrindo ou ri muito (explicado o grande sorriso). Provavelmente Lewis Carroll usou o fato de o gato ir desaparecendo aos poucos, começando pelo rabo e terminando pelo sorriso, de um queijo fabricado na sua época, chamado Queijo de Cheshire, que tinha a forma de um gato e que se comia começando pelo rabo” (Cf. SATO, 2012). Para mais informações: Cf. SATO, Soraya. Cheshire – O Gato Sorridente. In: **Blog Cat Rangers**. Gatos com tudo! Disponível em: <https://catrangers.wordpress.com/2012/08/08/cheshire-o-gato-sorridente/>. Acesso em: 02 de março de 2020. Às 09h e 44min.

No que concerne à simbologia do gato na literatura e em diversas instâncias, desde muitas civilizações esse animal é visto como um símbolo forte tanto benéfico para algumas culturas, como maléfico para outras. Então, no que diz respeito às características do Gato Cheshire, Chevalier e Gheerbrant (2009) afirmam que: “Entre os índios *pawnees* da América do Norte (FLEH), o gato é um símbolo de **sagacidade**, de reflexão, de engenhosidade; *ele é observador, malicioso e ponderado, alcançando sempre os seus fins* [...]. Depois da sagacidade e engenhosidade vem o dom da **clarividência**” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 463, grifos dos autores).

Ademais, diante de vários acontecimentos extraordinários que Alice vivencia no País das Maravilhas, o gato diz que a personagem feminina é louca assim como todas as outras pessoas daquele lugar, – fato que a protagonista não estava acreditando, pois pensava que tudo aquilo era um sonho, fruto da sua imaginação, do seu excesso de fantasia – e a partir da colocação do gato, Alice questiona o porquê d’aquela animal considerar tanto ele mesmo quanto ela e todas as pessoas daquele lugar como loucos:

‘Naquela direção’, explicou o Gato, acenando com a pata direita, ‘vive um Chapeleiro; e naquela direção’, acenando com a outra pata, ‘vive uma Lebre de Março. Visite qual deles quiser: os dois são loucos.’ ‘Mas não quero me meter com gente louca’, Alice observou. ‘Oh! É inevitável’, disse o Gato; ‘somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca.’ ‘Como sabe que sou louca?’ perguntou Alice. ‘Só pode ser’, respondeu o Gato, ‘ou não teria vindo parar aqui’ (CARROLL, 2002, p. 78).

Uma das características marcantes do Gato de Cheshire é a sua disposição em dar conselhos, passando despercebido o seu senso crítico e sarcástico que ele apresenta em suas falas intercaladas pelos seus sorrisos em exagero. Outro aspecto chamativo de sua personalidade é a sua superioridade. Vemos isso quando o Rei de Copas pede para que este o cumprimente, mas o Gato de Cheshire nega-se, motivo pelo qual o Rei decide decapitá-lo, fazendo com que o gato use a sua habilidade de desaparecer e o faz rapidamente.

No que diz respeito às habilidades do gato, que tem um misto de “maravilhoso”¹⁸ e características mágicas, e ao País das Maravilhas, onde coisas estranhas acontecem a cada instante que a protagonista vive nesse lugar. De acordo com a concepção de

¹⁸ “[...] Lorenzo (2000) afirma que há duas características mais notáveis, as quais sempre permanecem nesse clássico [...] a presença do maravilhoso e o *nonsense*, que significa algo sem sentido e absurdo, elemento típico da literatura inglesa do século XIX” (SEQUEIRA & TEIXEIRA, 2015, p. 120, grifo das autoras).

Massaud Moisés, em seu *Dicionário de Termos Literários* (2013)¹⁹, percebemos que todos os acontecimentos e ambientação da narrativa se enquadram no que ele afirma que seja:

maravilhoso fantástico, decorrente da superstição e da imaginação difluente, que se afasta da realidade ou a distorce assim manifestando ‘conflitos do real e do possível’ (Vax 1960:5), como o filtro mágico de Tristão de Isolda, os encantamentos e bruxedos comuns às novelas de cavalaria do ciclo bretão, a zoologia fantástica (hipogrifos, dragões alados, etc.) (V. BESTIÁRIO) (MOISÉS, 2013, p. 284, grifos do autor).

Apesar de aparecer quase no final da narrativa, a tartaruga falsa é um dos animais que mais desenvolve a sua oratória no seu relacionamento para com Alice. Como podemos observar através da ilustração contida na Edição Definitiva, Comentada e Ilustrada de *Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho* (2002 [1985]), cuja edição foi utilizada como *corpus* para produção do presente artigo, a tartaruga falsa tem algumas características de uma tartaruga, tais como: o casco e as patas superiores. Mas, ao observarmos melhor, percebemos que essa animal tem a cabeça semelhante à de uma lebre, e a cauda e as patas inferiores semelhantes aos de um porco.

Na concepção de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009), a tartaruga é um animal carregado de significados e de simbologia positiva em diversas culturas, uma vez que os referidos teóricos afirmam a forte ligação desse animal com a cosmologia:

Macho e fêmea, humano e cósmico, o simbolismo da tartaruga estende-se a todos os domínios do imaginário. Pela sua carapaça, redonda como o céu na parte superior – o que a torna semelhante a uma cúpula – e plana como a terra, na parte inferior, a tartaruga é uma representação do universo: constitui-se por si mesma numa *cosmografia*; como tal, aparece no Extremo Oriente, entre os chineses e japoneses, no centro da África negra, entre os povos da aliança do Níger, dogons e bambaras, para citar somente os mais estudados (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 868, grifo dos autores).

Em meio à várias interpretações e vertentes da simbologia que se remetem a esse animal marinho, vemos que a tartaruga falsa, de fato, tem características que nos intrigam tanto por sua aparência quanto por suas atitudes. Doravante citar que, essa personagem representa em meio a toda a desordem e estranhamento que há no País das

¹⁹ Para mais informações: Cf. MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. / Massaud Moisés. – 12ª ed. rev., ampl. e atual. – São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2013.

Maravilhas, o único animal que tem uma representatividade complexa e carregada de crítica à sociedade da época. No entanto, podemos afirmar que a tartaruga é, também, símbolo de conhecimento, concentração e sabedoria. Quando a tartaruga se recolhe completamente para dentro da carapaça, ela volta ao seu estado primordial e isola os seus sentidos dos objetos sensíveis do mundo e alcança concentração e sabedoria sólidas.

De acordo com Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009), identificamos uma divergência entre a tartaruga de verdade e a tartaruga falsa. Pois, percebemos que a tartaruga falsa é confusa e desconcentrada, justamente por não ser realmente uma tartaruga. Com isso, observamos que ela é o oposto do que o símbolo da tartaruga verdadeira representa, tanto por sua aparência física como por sua personalidade.

Acredita-se que o termo “Tartaruga Falsa” faça jus à aparência física da tartaruga no romance, pois ao mesmo tempo que ela aparenta ser um animal marinho, lembra-nos também de um animal terrestre. Algumas das características muito perceptíveis dessa criatura são a sua melancolia, insatisfação, lamento e comportamento retrospectivo, – sempre se remetendo ao passado de maneira pesarosa – características essas marcantes do Romantismo Inglês. Assim, com o desenrolar da narrativa, identificamos que o objetivo principal da tartaruga falsa é contar a sua história e entreter o máximo que ela puder os que visitam aquele lugar “maravilhoso” e se voluntariam em ouvir sobre a sua vida.

Diante de vários significados, simbolismos e representações simbólicas, um dos mais aludidos em estudos literários e que ressaltam a representatividade da tartaruga no contexto histórico é de que: “Segundo certas lendas, era uma tartaruga que segurava o pilar do céu, abatido por Kung Kung, o senhor dos titãs. As Ilhas dos Imortais, diz-nos Lie-tse, só encontraram seu equilíbrio quando as tartarugas as carregam nas costas” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 869).

No que diz respeito à citação acima, vemos que esse animal marinho representa na narrativa uma espécie de resolução de problemas, quando percebemos que em meio à confusão que a Rainha de Copas está inserida, essa última dispensa sua visita, Alice, e a deixa encarregada de ouvir a tartaruga falsa. Ou seja, esse animal tem a função não só de entreter os visitantes como também de convencê-los de que o que estão vivendo é, de fato real, além de ter o papel de resolver os problemas que aparecem no País das Maravilhas.

Ademais, um elemento comparativo que se faz importante lembrar aqui é a semelhança do diálogo entre Alice e o caxinguelê, e Alice e a tartaruga falsa. Ambos os animais são encarregados de contar uma história, e em ambos os momentos Alice faz o papel de curiosa, impaciente e irritada para com os animais. Conseguimos identificar uma semelhança nos dois diálogos também no momento quando Alice é chamada a atenção por sempre interromper a história que está sendo contada, deixando assim, os seus delatores irritados com sua tamanha indelicadeza e falta de consideração para com seus guias no País das Maravilhas:

‘Por que o chamavam de Tartaruga, se ele não era uma?’ Alice perguntou. ‘Nós o chamávamos de Tartaruga porque tinha... tanta ruga!’ respondeu a Tartaruga, irritada; ‘realmente você é muito bronca!’ ‘Devia ter vergonha de fazer uma pergunta tão simples’, acrescentou o Grifo; e em seguida os dois ficaram em silêncio, olhando para a pobre Alice, que teve vontade de se enfiar embaixo da terra (CARROLL, 2002, p. 108 e 109).

No trecho exposto acima, vemos o diálogo entre o grifo, a tartaruga falsa e Alice. Nessas falas, conseguimos fazer uma comparação da irritação dos dois animais assemelhando-se ao comportamento do Chapeleiro Maluco e do caxinguelê, no que diz respeito à indelicadeza de Alice. É bastante visível durante todo o enredo o quanto os animais se irritam com o comportamento da menina, respaldando a sua curiosidade, irritabilidade, indelicadeza e falta de senso de humor ao participar das conversas dos animais maravilhosos que a cercam. Nesse momento, a protagonista conclui que as criaturas com quem ela está convivendo naquele ambiente, nada têm de irracional. Pelo contrário, os animais são dotados de todos os sentidos que os seres humanos detêm. Ou seja, a cada momento, a fantasia se mistura com a realidade diante de Alice, fazendo com que ela duvide muitas vezes se algumas situações são reais ou apenas imaginárias. Mas, diante de todos esses acontecimentos presentes no romance, percebemos que o comportamento, o discurso, e todas as ações dos animais apresentam-se como se cada uma das criaturas trouxesse uma moral para a menina. Muitas vezes, questões que a fizeram refletir sobre tudo o que ela presenciou durante toda a sua viagem no País das Maravilhas, deixando-a mais curiosa sobre tudo o que tinha vivenciado naquela aventura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso artigo objetivou analisar brevemente cinco animais presentes em *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll (1832-1898), utilizando como base teórica alguns princípios da simbologia. Nesse romance, encontramos vários animais que possuem uma intensa carga de significados, no entanto, escolhemos apenas cinco deles para fazer parte da nossa análise. Nos animais que escolhemos analisar foi possível perceber, através da simbologia, que eles aparecem na história sempre com um propósito, por mais que o diálogo entre eles e Alice ou mesmo apenas entre eles nos pareça banal.

O primeiro animal que escolhemos para essa análise foi o coelho, por acharmos que o estranhamento, a maneira como esse animal se apresentou foi o que motivou a menina a segui-lo. Nesse sentido, o coelho despertou nela a curiosidade, assim, ela sai da monotonia para a toca do coelho, que de acordo com a simbologia representa renovação, uma nova Alice em um outro mundo. Ademais, a lagarta surge em cima de um cogumelo fumando narguilé, dois elementos que se remetem ao uso de drogas. Ela dialoga com Alice em um tom despreocupado, talvez por causa do efeito do que estava fumando, mesmo sabendo que a garota procurava um caminho. Podemos notar também que a lagarta aparece sobre um cogumelo e não sobre uma folha. Para a simbologia, esse inseto é símbolo de transmigração e apesar da sua aparente indiferença, proporciona a Alice uma mudança ao consumir o seu cogumelo.

De acordo com a simbologia, a pomba além de ter uma representatividade que se remete à paz, à iluminação, à esperança, faz também referência ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade. Um outro ponto característico que nos remete à uma referência bíblica no romance com relação à pomba, consiste no ambiente onde ela está inserida, a personificação de Alice e os demais elementos que a cercam, tais como: a floreta, simbolizando o Jardim do Éden; Alice com o pescoço parecido com o de uma cobra, representando a serpente e a tentação ao pecado; e os ovos, representando o fruto proibido e o Renascimento.

Segundo os estudos dos símbolos, o gato é muito heterogêneo, pois oscila entre as tendências benéficas e maléficas. Com relação aos pontos positivos, vemos que o Gato de Cheshire mostra esperteza, sagacidade, engenhosidade e tem o dom da clarividência, no qual faz o papel de guia ou a bússola de Alice no País das Maravilhas.

No que diz respeito aos pontos negativos, e conforme o que afirma a simbologia, o Gato de Cheshire nos mostra ser sarcástico, malicioso, desdenhoso, persuasivo, dotado de misticismos e com poderes mágicos.

Ao compararmos a tartaruga falsa com o que Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009) afirmam em seu *Dicionário de Símbolos*, essa personagem não possui as mesmas características do simbolismo de uma tartaruga marinha. No entanto, o próprio nome “Tartaruga Falsa” remete-se ao que realmente ela é, ou seja, falsa. Pois esse animal, no romance, apresenta características físicas e personalidade totalmente diferentes ao que realmente condiz à simbologia da tartaruga verdadeira.

Consoante Massaud Moisés (2013), os animais em *Alice no País das Maravilhas* (1865) se enquadram na categoria do “maravilhoso fantástico”, pois é decorrente da superstição e da imaginação difluente, que nos remete à zoologia fantástica (hipogrifos, dragões alados, etc.), (Cf. MOISÉS, 2013). Por fim, esse trabalho teve como intuito contribuir para o entendimento sobre o romance *Alice no País das Maravilhas* (1865), mais especificamente sobre a simbologia presente nos animais que aparecem na história. Nesse caso, especialmente, o coelho, a lagarta, o gato, a pomba e a tartaruga falsa. Contudo, percebemos que, os animais do País das Maravilhas são considerados “maravilhosos” não apenas por se vestirem, ou agirem como humanos, mas por serem dotados de discurso, inteligência e sagacidade que nem todos os seres humanos possuem. No entanto, esse fato torna os animais nessa obra muito mais interessantes do que o próprio ambiente onde a história acontece.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ FERREIRA, A. E. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos**. [livro eletrônico]. Londrina: Eduel, 2013.
- BRITO, A. H. Análise interpretativa do romance *Alice no País das Maravilhas*. **Crátulo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**. Patos de Minas, Unipam (1): 49 a 56, ano 1, 2008.
- BRITO, B. P. *Alice no País das Maravilhas: Uma Crítica à Inglaterra Vitoriana*. **Centro de Comunicação e Letras**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015.
- CARROL, L. (1832-1898). **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho (1865)**. Trad. Maria Luíza X. e A. Borges. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.

CEVASCO, M. E. SIQUEIRA, V. L. A era vitoriana: o romance domina a cena. In: **Rumos da Literatura Inglesa**. Coleção Princípios – 5.^a Edição. – São Paulo: Editora Ática, 1999.

CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Colaboração de André Barbault, [et al.]. 23^a ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio Ltda, 2009.

CNBB. **Bíblia Sagrada**. / Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Tradução da CNBB. Com Introduções e Notas. – 6.^a Edição. São Paulo: Canção Nova, 2006.

EDITORIAL CONCEITOS. Simbologia – Conceito, o que é, Significado. In: **Editorial Conceitos**. São Paulo, 2016.

EAGLETON, T. (1943). What's a novel? In: **The English Novel: An Introduction**. Terry Eagleton. First Edition. Oxford, England: Blackwell Publishing Ltd, 2005.

GREENBLATT, S.; ABRAMS, M. H. Lewis Carroll (1832-1898). In: **The Norton Anthology of English Literature** 8th ed. Vol. 2. p. cm. New York: W. W. Norton & Company, 2005.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss Conciso**. Instituto Antônio Houaiss. Organizador: [editor responsável Mauro de Salles Villar]. São Paulo: Moderna, 2011.

MOISÉS, M. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2013.

NEVES, F.; RIBEIRO, D. **DICIO**: Dicionário Online Português. Porto: 7Graus, 2019.

NEVES, F.; RIBEIRO, D. Significado de “Personificação”. In: **DICIO**: Dicionário Online Português. Porto: 7Graus, 2019.

RIBEIRO, E. S. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. **Estudos Semióticos**. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 46 a 53, 7 jun. 2010.

ROSACRUZ, O. **Introdução à Simbologia**. Grande Loja do Brasil: Paraná, 1992.

SANDERS, A. HIGH VICTORIAN LITERATURE (1830-1880). – Coda: Carroll and Lear. In: **The Short Oxford History of English Literature**. First Edition. New York: Clarendon Press, Oxford University Press, 1994.

SATO, S. C. O Gato Sorridente. In: **Blog Cat Rangers**. Gatos com tudo!, 2012.

SEQUEIRA, L. K. TEIXEIRA, N. C. R. B. Alice no país dos signos: releitura semiótica. **Temática**. NAMID/UFPB. João Pessoa, Ano XI, n. 12, dezembro de 2015.

THORNLEY, G. C. ROBERTS, G. Other nineteenth-century prose. In: **An Outline of English Literature**. G. C. Thornley and Gwyneth Roberts. New Edition. Edinburgh Gate, Harlow. Essex, England: Logman Pearson Education Limited Ltd, 2003.

ABSTRACT

The aim of the present paper is to investigate and discuss about how animals analyzed in the novel *Alice in Wonderland* (1865), by Lewis Carroll, are represented according to the symbology, in addition, doing connection with the social, historical, political, and cultural context in which the work was written. Therefore, we chose the animals' symbology as basis for our work because we believe the animals are utilized like symbolic instruments in the construction of the plot's dynamics, and the main happenings into narrative. As theoretical basis, we has presented the fundamentals by ALVAREZ FERREIRA (2013); CHEVALIER & GHEERBRANT (2009); MOISÉS (2013); RIBEIRO (2010); and ROSACRUZ (1992). In conclusion, we have noticed that the animals from Wonderland are considered as “marvelous” by presenting attitudes which are similar like human attitudes, endowed by speech, intelligence, and sagacity; becoming them in this novel one of the most interesting points into narrative, further the other characters and the fantastic ambience.

KEYWORDS

Wonderland; Animals; Symbology; Symbols; Allegories

ALICE IN THE ANIMAL LAND: A READING ABOUT LEWIS CARROLL'S NOVEL FROM SYMBOLS AND ALLEGORIES

Josanille Glenda do Nascimento Ribeiro

Especialista em Língua, Linguística e Literatura • Universidade Federal da Paraíba

Francisco Edinaldo de Pontes

Mestrando em Literatura e Interculturalidade • Universidade Estadual da Paraíba

Recebido em 15/06/2020

Aceito em 23/08/2020